

IMPLICAÇÕES PRÁTICAS E TEOLÓGICAS DO DEBATE ACERCA DA NATUREZA HUMANA

*Samuele Bachiocchi**

Nenhuma época sabe tanto sobre a química, a fisiologia e a psicologia do corpo humano; da mesma forma, contudo, nenhuma outra época parece mais confusa sobre o que compõe a natureza humana e quais são as perspectivas em relação ao destino humano. A indagação acerca da composição da natureza humana não é uma questão acadêmica só para os sábios debaterem, mas é uma pergunta fundamental que afeta cada ser humano. A razão é que o entendimento que alguém tem do que compõe a natureza humana em grande parte determina sua visão da vida presente, do valor deste mundo, do escopo da redenção, e da vida futura no mundo por vir. Historicamente, os cristãos têm mantido duas importantes posições concernentes à constituição da natureza humana, uma conhecida como dualista e a outra como holista.

A grande maioria dos cristãos acredita que a natureza humana é dualista, consistindo de um corpo material e mortal, e de uma alma imortal espiritual. Na morte, a alma supostamente desprende-se do corpo e sobrevive num estado desencarnado: a alma desfruta da felicidade do paraíso enquanto o corpo padece o tormento do inferno. Os católicos e outros religiosos permitem que as almas sejam perdoadas e purificadas no purgatório antes de ascender ao paraíso. Na ressurreição, o corpo material supostamente é reunido com a alma espiritual para, assim, intensificar o prazer do paraíso ou a dor do inferno.

Uma minoria de cristãos historicamente tem acreditado que a natureza humana é holista, consistindo em um todo indivisível no qual corpo, alma e espírito são apenas características da mesma pessoa. A alma é o princípio animador do corpo, que se manifesta no pensar consciente e no aspecto vivo de uma pessoa. Na morte, o corpo e alma não se separam, mas simplesmente cessam de existir e descansam inconscientemente na sepultura até a ressurreição. Nessa época a pessoa mortal será ressuscitada como um todo ou para a vida eterna ou para a morte eterna.

Essas duas posições históricas acerca da natureza humana foram reexaminadas em anos recentes por eruditos bíblicos de diferentes persuasões. Um novo e atento exame dos termos bíblicos básicos que se referem ao homem (corpo, alma, espírito, carne, mente, coração) tem levado muitos estudiosos à conclusão de que, na Bíblia, não há dicotomia entre um corpo mortal e uma alma imortal, que se separam por ocasião da morte. O corpo e a alma são uma unidade indivisível que deixa de existir na morte até a ressurreição. Em resumo, o veredicto é que a visão de uma natureza humana dualista deriva do dualismo

**Samuele Bachiocchi*, Ph. D., é professor de Teologia na Andrews University, EUA.

platoniano antes que do holismo bíblico. Para colocar em foco a importância fundamental de recuperar a visão bíblica holista da natureza humana, este artigo compara e contrasta as implicações práticas e doutrinárias das perspectivas dualista e holista da natureza humana. Este estudo preparará o caminho para examinar, em um artigo posterior, algumas razões bíblicas prementes para se acreditar na perspectiva holista da natureza humana.

Implicações Práticas do Dualismo Cristão

Os cristãos que defendem a visão dualista da natureza humana também encaram a vida presente de forma dualista. Eles consideram a vida espiritual da alma como mais importante do que a vida física do corpo. Em sua perspectiva, já que salvar a alma é mais importante do que cuidar do corpo, o objetivo da vida cristã seria, então, o cultivo das virtudes da alma em vez do bem-estar do corpo. Historicamente, essa abordagem dualista imagina os santos como sendo pessoas que se dedicam primariamente à *vita contemplativa* (i.e., à vida contemplativa), evitando qualquer apego à *vita activa* (i.e., vida secular). Sendo assim, o bem-estar do corpo acaba sendo intencionalmente ignorado ou até mesmo suprimido. Eu tive a oportunidade de testemunhar essa mentalidade dualista durante os cinco anos que passei na Universidade Pontifícia Gregoriana de Roma. Com frequência eu via alguns de meus colegas de classe, principalmente monges e sacerdotes católicos de várias partes do mundo, primeiramente indo à capela para cultivar a alma através da oração e da meditação e, depois, dirigindo-se ao bar da esquina a fim de intoxicar o corpo com bebidas alcoólicas e tabaco. Eles não viam conflito algum nessas duas atividades, porque, de acordo com sua mentalidade dualista, o que faziam com seu corpo não afetava a salvação de suas almas.

Essa mentalidade dualista é patentemente contradita pela Bíblia que nos ensina a glorificar a Deus não apenas com a mente mas também com o corpo, porque o corpo é “o templo do Espírito Santo” (1 Co 6:19), que deve ser apresentado a Deus como “um sacrifício vivo” (Rm 12:1). O modo com que tratamos do corpo reflete a condição espiritual da alma, porque o corpo e a alma são um. Quando Paulo expressa seu desejo de que Cristo seja glorificado em seu corpo (Fl 1:20), o que ele queria dizer era que desejava honrar a Cristo com todo o seu ser. Se o corpo é poluído com tabaco, com drogas, com alimentos prejudiciais à saúde ou com um estilo de vida intemperante, o que se causa não é apenas a poluição física do corpo, mas também a contaminação espiritual da alma.

A dicotomia entre corpo e alma, entre o físico e o espiritual, está ainda presente no pensamento de muitos cristãos hoje em dia. Muitos ainda associam a redenção com a alma e não com o corpo do homem. Nós descrevemos a obra missionária da igreja como sendo “a salvação de almas”. A implicação parece ser que a alma é mais importante do que o corpo.

Implicações Práticas do Holismo

O evangelho não nos dá o embasamento para uma doutrina da redenção que salva almas à parte dos corpos aos quais pertencem. A comissão evangélica não é que salvemos almas, mas pessoas em sua integridade. O que Deus juntou na criação e redimiu na cruz nenhum cristão tem o direito de separar. Contudo, muitos cristãos se tornam culpados de divorciar a alma do corpo por promoverem a salvação como uma experiência interna da alma em vez de uma transformação da pessoa toda. A visão bíblica holista da natureza humana nos desafia a que nos preocupemos com o ser integral. Em sua pregação e ensinosa a igreja deve satisfazer não apenas as necessidades espirituais da alma mas também as necessidades físicas do corpo. Isso inclui ensinar as pessoas a manterem sua saúde física e emocional. Isso significa que os programas da igreja não deveriam negligenciar as necessidades do corpo. Dieta adequada, exercício e atividades ao ar livre deveriam ser incentivadas como uma parte importante do viver cristão.

Aceitar o holismo cristão significa optar também por uma abordagem holista em tais áreas como a educação, a saúde e as questões sociais. A educação cristã deveria promover o desenvolvimento da pessoa toda. Isso quer dizer que o programa da escola deveria visar o desenvolvimento dos aspectos mentais, físicos e espirituais da vida. Um bom programa de educação física deveria ser considerado tão importante quanto seu programa acadêmico ou religioso. Os pais e os professores deveriam se preocupar em ensinar bons hábitos de alimentação, o cuidado adequado do corpo e um programa regular de exercício físico.

Da mesma forma, o conceito bíblico do holismo tem também implicações para a medicina. A medicina holista reconhece hoje a importância de tratar a pessoa toda, incluindo a condição física, emocional, espiritual e nutricional do paciente. O holismo bíblico nos desafia também a servir o mundo e não a evitá-lo. As questões da justiça social, da guerra, do racismo, da pobreza e do desequilíbrio econômico deveriam ser uma preocupação daqueles que crêem que Deus está trabalhando para restaurar a pessoa toda e o mundo todo.

Implicações Doutrinárias do Dualismo

A perspectiva dualista da natureza humana tem também enormes implicações doutrinárias. Inúmeras doutrinas derivam ou dependem amplamente do dualismo. Por exemplo, o dualismo tem sido a fonte da crença de que, na morte, a alma se separa do corpo e passa ou à bonança do paraíso ou ao tormento do inferno. Esse ensinamento, por sua vez, tem dado lugar a crenças mal fundamentadas como a intercessão dos santos, a oração pelos mortos, as indulgências, o purgatório, o retorno da alma ao corpo por ocasião da ressurreição, a punição eterna no inferno, a bem-aventurança do paraíso como um retiro espiritual onde as almas glorificadas passarão toda a eternidade em contemplação e meditação.

O impacto negativo dessas crenças na fé e na prática cristãs não pode ser corretamente estimado. Uma coisa, contudo, é inequívoca: essas crenças têm enfraquecido e obscurecido a expectativa do segundo advento. Se, na morte, a alma do crente sobe imediatamente à bem-aventurança do paraíso a fim de estar com o Senhor, não pode haver um sentido real de expectativa pelo retorno de Cristo para ressuscitar os santos adormecidos. A principal preocupação desses cristãos é subir aos céus para se encontrarem com Cristo imediatamente na morte (embora como almas desencarnadas) em vez de se prepararem a si mesmos e aos outros a fim de que se encontrem com Cristo por ocasião de Seu retorno a esta terra. No Novo Testamento, porém, a esperança do advento não é “uma *torta* no céu para a alma quando a pessoa está *morta*”, mas um encontro pessoal entre os crentes corpóreos e Cristo, no glorioso dia de Seu retorno. Daquele encontro virá uma transformação radical que afetará a humanidade e toda a natureza. Essa grande expectativa é obscurecida pela crença na imortalidade individual e na bonança celestial que supostamente seguiria imediatamente a morte. Quando o único futuro que realmente conta é a sobrevivência individual da alma após a morte, a angústia da humanidade passa ter um enfoque apenas periférico e o valor da redenção do mundo inteiro fica, conseqüentemente, ignorado de maneira ampla. O derradeiro resultado dessa crença é que, como apontado por Abraham Kuyper, “a grande maioria dos cristãos se preocupa exclusivamente com sua própria morte.”¹ A preocupação individualista pela imortalidade imediata relega ao segundo plano a esperança bíblica corporativa de uma restauração final de toda a criação (Rm 8:19-23; 1Co 15:24-28).

O dualismo também tem promovido concepções errôneas acerca do mundo vindouro. O conceito popular do paraíso como sendo um retiro espiritual em algum lugar do espaço, onde as almas glorificadas passarão a eternidade em contemplação e meditação eternas, foi inspirado mais pelo dualismo platônico do que pelo realismo bíblico. Para Platão, os componentes materiais deste mundo eram maus e, conseqüentemente, indignos de serem preservados. O objetivo deveria ser alcançar uma esfera espiritual elevada onde as almas, liberadas do cárcere de um corpo e de um mundo materiais, desfrutariam gozo perpétuo.

Implicações Doutrinárias do Holismo

Essa visão dualista é estrangeira à Bíblia, que concebe uma redenção cósmica que envolve tanto a alma quanto o corpo, tanto o mundo espiritual quanto o material. Assim, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento rejeitam o dualismo entre o mundo material de baixo e o espiritual de cima. A salvação final, inaugurada pela vinda de Jesus, é considerada, nas Escrituras, não como um escape deste mundo, mas como sua transformação. A visão bíblica do mundo vindouro não é a de um retiro espiritual habitado por almas glorificadas, mas a de um planeta físico povoado por santos ressurrectos (Is 66:22; Ap 21:1). Os

¹Citado por G. C. Berkouwer, *The Return of Christ* (Grand Rapids, 1972), 34. O mesmo ponto de vista é expresso por Russell Foster Aldwinckle, *Death in the Secular City* (London, 1972), 82.

crentes entram na nova terra não como espíritos desencarnados, mas como pessoas corporeamente ressuscitadas (Ap 20:4; Jo 5:28-29; 1Ts 4:14-17). Embora nada impuro penetre na Nova Jerusalém, a Bíblia nos diz que “os reinos deste mundo trarão a sua glória até ela, ... eles trarão a ela a glória e a honra das nações” (Ap 21:24, 26). Esses versos sugerem que tudo o que havia de relevante nos céus e na terra antigos, incluindo as realizações da invenção, da arte e da intelectualidade humanas, encontrará o seu lugar na nova e eterna ordem de coisas. A própria imagem da “cidade” transmite a idéia de atividade, vitalidade, criatividade e relações tangíveis. É lamentável que essa perspectiva fundamentalmente concreta do novo mundo a ser criado por Deus, assim descrita na Bíblia, tenha sido perdida, de modo amplo, e sido substituída por um conceito etéreo e espiritualizado do céu na crença popular. Esta perspectiva imaterial foi forjada pelo dualismo platônico e não pelo realismo bíblico.

Numa época em que muitos cristãos estão perdendo o interesse no céu porque eles o consideram casto demais, santo demais, irreal demais, chato demais, é imperativo recuperarmos a visão bíblica holista e realista da Nova Terra. Ali será um lugar em que cada faculdade será desenvolvida, nossas mais sublimes aspirações serão satisfeitas, os maiores empreendimentos serão realizados e a mais interessante comunhão com Deus e nossos semelhantes será desfrutada.

Conclusão

As observações precedentes acerca de um debate que ocorre em nossos dias quanto à correta perspectiva em relação à natureza humana, nos mostraram a importância fundamental desse assunto para a estrutura das crenças e práticas cristãs como um todo. É imperativo, portanto, que examinemos diligentemente o que a Bíblia ensina acerca desse assunto tão vital.

Traduzido, do manuscrito original em inglês,
por
Milton L. Torres.